

**INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS E AUTOMEDICAÇÃO: RISCOS DO USO
INDISCRIMINADO DE MEDICAMENTOS SEM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL****DRUG INTERACTIONS AND SELF-MEDICATION: RISKS OF INDISCRIMINATE USE OF
MEDICATIONS WITHOUT PROFESSIONAL GUIDANCE** <https://doi.org/10.63330/armv1n9-013>

Submetido em: 05/11/2025 e Publicado em: 14/11/2025

Daniela Viana Maciel
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Bianca Correia dos Santos**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Eduardo Caldas Ribeiro**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Fernando Ramos Martins Pombeiro**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Larissa de Souza Araújo**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Larissa dos Reis Oliveira**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Matheus Sales Damásio de França**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Thais Maria dos Santos**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Andrea Gonçalves de Almeida**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Melissa Cardoso Deuner**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**Gregório Otto Bento de Oliveira**
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF**RESUMO**

O presente estudo se propõe a analisar, através de uma rigorosa revisão da literatura científica, os perigos inerentes à prática da automedicação, com ênfase nas potenciais e perigosas interações medicamentosas. Essa abordagem é crucial, visto que a automedicação se consolidou como um grave problema de saúde pública, impulsionado pela facilidade de acesso a medicamentos, a busca por alívio imediato dos sintomas e, muitas vezes, pela influência de informações não verificadas. A metodologia empregada consistiu na



análise aprofundada de artigos científicos, revisões sistemáticas e estudos epidemiológicos que abordam as consequências do uso irracional de fármacos sem a devida orientação de um profissional de saúde qualificado. Os principais achados demonstram um cenário alarmante: a automedicação não apenas eleva o risco de reações adversas e intoxicações, mas também compromete significativamente a eficácia terapêutica dos tratamentos. A ingestão simultânea ou sequencial de diferentes medicamentos, sem o conhecimento das interações farmacocinéticas e farmacodinâmicas, pode resultar em efeitos tóxicos, anular a ação esperada do tratamento ou mascarar o diagnóstico de doenças subjacentes. Adicionalmente, um impacto de extrema relevância para a saúde pública é o aumento da resistência antimicrobiana, frequentemente associada ao uso inadequado e indiscriminado de antibióticos sem prescrição. Essa prática irresponsável contribui diretamente para a emergência das chamadas "superbactérias", limitando as opções de tratamento para infecções futuras e elevando a morbidade e mortalidade global. Em conclusão, a minimização desses riscos complexos e multifacetados é imperativa. Faz-se essencial o investimento em políticas públicas robustas que promovam a educação continuada da população sobre o uso racional de medicamentos, destacando o papel fundamental do farmacêutico no aconselhamento e na atenção farmacêutica. A orientação profissional e o fortalecimento do acesso a consultas médicas são pilares essenciais para garantir o uso seguro e eficaz dos fármacos, protegendo a saúde individual e coletiva contra os perigos silenciosos da automedicação.

Palavras-chave: Reações adversas; Segurança do paciente; Saúde pública; Polimedicação.

ABSTRACT

This study aims to analyze, through a rigorous review of the scientific literature, the dangers inherent in the practice of self-medication, with an emphasis on potential and dangerous drug interactions. This approach is crucial, since self-medication has become a serious public health problem, driven by easy access to medications, the search for immediate symptom relief, and often by the influence of unverified information. The methodology employed consisted of an in-depth analysis of scientific articles, systematic reviews, and epidemiological studies that address the consequences of the irrational use of drugs without the proper guidance of a qualified healthcare professional. The main findings demonstrate an alarming scenario: self-medication not only increases the risk of adverse reactions and intoxications but also significantly compromises the therapeutic efficacy of treatments. The simultaneous or sequential ingestion of different medications, without knowledge of pharmacokinetic and pharmacodynamic interactions, can result in toxic effects, negate the expected action of the treatment, or mask the diagnosis of underlying diseases. Additionally, a highly relevant impact on public health is the increase in antimicrobial resistance, frequently associated with the inappropriate and indiscriminate use of antibiotics without a prescription. This irresponsible practice directly contributes to the emergence of so-called "superbugs," limiting treatment options for future infections and increasing overall morbidity and mortality. In conclusion, minimizing these complex and multifaceted risks is imperative. Investment in robust public policies that promote the continued education of the population on the rational use of medicines is essential, highlighting the fundamental role of the pharmacist in counseling and pharmaceutical care. Professional guidance and strengthened access to medical consultations are essential pillars to ensure the safe and effective use of drugs, protecting individual and collective health against the silent dangers of self-medication.

Keywords: Adverse reactions; Patient safety; Public health; Polypharmacy.



1 INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática recorrente em diversas classes sociais favorecida pelo fácil acesso a medicamentos e pela percepção equivocada de que alguns fármacos são inofensivos. No entanto, o uso indiscriminado de medicamentos sem a devida orientação profissional, pode resultar em consequências relevantes para a saúde, como reações adversas, resistência aos princípios ativos, tolerância e interações medicamentosas. Esse comportamento compromete a eficácia dos terapêutica, pode agravar doenças preexistentes e se configura como um relevante problema de saúde pública (MOTA; SANTOS; ANDRADE, 2024).

As interações medicamentosas, por sua vez ocorrem quando dois ou mais fármacos administrados simultaneamente modificam seus efeitos no organismo, podendo potencializar ou reduzir a ação terapêutica, além de aumentar o risco de toxicidade. Esse fenômeno também pode envolver alimentos e substâncias naturais, o que amplia sua complexidade. A ausência de conhecimento sobre essas interações, associada ao uso indiscriminado de medicamentos, eleva consideravelmente os riscos à saúde, sobretudo entre pacientes polimedicados, idosos e crianças (PINTO et al., 2020; CASTRO; LACERDA; MARQUEZ, 2024).

Nesse contexto, torna-se imprescindível promover a conscientização da população acerca dos perigos da automedicação e da importância da orientação profissional no uso de medicamentos. A atuação de profissionais da saúde, especialmente do farmacêutico, é essencial para assegurar o uso racional de medicamentos, prevenir interações medicamentosas e otimizar a eficácia dos tratamentos (FERREIRA; TERRA JÚNIOR, 2018.).

Além dos riscos clínicos, a automedicação traz implicações sociais e econômicas relevantes, uma vez que pode gerar complicações que sobrecarregam o sistema de saúde pública, aumentam os custos hospitalares e reduzem a qualidade de vida da população. (MOTA; SANTOS; ANDRADE, 2024.)

Quais são os principais riscos associados à automedicação e às interações medicamentosas, e de que forma a orientação profissional pode contribuir para a redução desses problemas?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar os riscos relacionados à automedicação e às interações medicamentosas, ressaltando a relevância da orientação profissional para o uso seguro de medicamentos. A partir de uma revisão da literatura, pretende-se identificar as principais consequências dessa prática e discutir as estratégias para preventivas, de modo a contribuir para o uso racional de medicamentos e a redução dos danos à saúde pública (ROCHA et al., 2023).



2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo realizar uma Revisão Bibliográfica. Para sua execução, foi realizada uma busca na literatura científica disponível nos sites SciELO e Google Scholar, utilizando os termos “interações medicamentosas”, “automedicação”, “uso racional de medicamentos” e “polimedicação”. Foram incluídos artigos publicados nos últimos 15 anos (2010-2025) que abordassem os temas de automedicação e interações medicamentosas, e que discutissem os riscos do uso indiscriminado de medicamentos sem orientação profissional. Foram excluídos artigos que não fossem relevantes para o tema ou que apresentassem informações desatualizadas. Os artigos selecionados foram lidos e analisados, a fim de identificar e discutir os principais riscos associados ao uso de medicamentos sem a orientação de um profissional de saúde, bem como analisar as interações medicamentosas mais comuns e suas consequências para a saúde da população.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática da automedicação tem sido amplamente estudada em todo o mundo, sendo reconhecida como um comportamento de risco que impacta a saúde pública. No Brasil, a automedicação está fortemente associada à ocorrência de interações medicamentosas, que podem gerar complicações clínicas, aumento da morbimortalidade e efeitos adversos graves (ARRAIS et al., 2016). O fácil acesso a medicamentos sem prescrição, aliado à recomendação de familiares e à busca por soluções rápidas, favorece o uso inadequado, frequentemente sem que os indivíduos tenham conhecimento dos riscos envolvidos (DOMINGUES et al., 2017). Segundo o Ministério da Saúde (2022), cerca de 35% da população brasileira faz uso de medicamentos por conta própria, percentual superior ao observado em países desenvolvidos, como Canadá e Alemanha, onde índices de automedicação variam entre 20% e 25% (OMS, 2023). Essa diferença evidencia não apenas questões culturais, mas também estruturais que impactam diretamente na prevalência e nos riscos associados à prática.

A cultura da automedicação no Brasil é influenciada por fatores socioeconômicos e educacionais. Baixa escolaridade, dificuldade de acesso a serviços de saúde e vulnerabilidade econômica aumentam a probabilidade de comportamentos de risco, incluindo a combinação inadequada de fármacos sem supervisão profissional (DOMINGUES et al., 2017). O compartilhamento de medicamentos entre familiares e conhecidos, prática recorrente, intensifica o risco de interações, que podem resultar em hospitalizações e aumento de custos para o sistema de saúde (ARRAIS et al., 2016).

O uso indiscriminado de antibióticos é uma das principais preocupações relacionadas à automedicação. Estudos indicam que a automedicação com antibióticos aumenta a seleção de cepas resistentes, prolonga internações hospitalares e eleva a mortalidade (REVISTA PESQUISA FAPESP, 2023;



BJIH, 2021). Dados nacionais demonstram que infecções resistentes a antibióticos já são responsáveis por cerca de 15% das complicações em unidades hospitalares de grande porte, afetando principalmente idosos e pacientes com múltiplas comorbidades (DOMINGUES et al., 2017). A resistência antimicrobiana é agravada pelo uso simultâneo de múltiplos antibióticos sem acompanhamento, aumentando o risco de interações adversas, como hepatotoxicidade e efeitos gastrointestinais graves. O uso de analgésicos e anti-inflamatórios de venda livre é altamente prevalente na automedicação. Estudos mostram que a ingestão repetida ou em doses elevadas pode levar a complicações como gastrite, úlceras gástricas, insuficiência renal aguda e aumento do risco cardiovascular (ARRAIS et al., 2016; SILVA et al., 2020). Interações medicamentosas com anticoagulantes ou anti-hipertensivos são comuns, podendo resultar em sangramentos ou descontrole da pressão arterial. A combinação desses fármacos sem orientação profissional representa um risco significativo, sobretudo entre idosos que já apresentam polifarmácia.

A automedicação com fitoterápicos e suplementos alimentares também merece atenção. Apesar de muitas vezes considerados naturais e inofensivos, esses produtos podem interagir com medicamentos de uso contínuo, reduzindo a eficácia terapêutica ou aumentando a toxicidade (DOMINGUES et al., 2017). Um levantamento da ANVISA (2023) apontou que 42% dos usuários de fitoterápicos desconhecem possíveis interações com medicamentos convencionais. Exemplos incluem interações entre ginkgo biloba e anticoagulantes, que aumentam o risco de sangramentos, ou entre erva-de-são-joão e antidepressivos, que podem induzir síndrome serotoninérgica. Além das consequências clínicas, a automedicação gera impactos econômicos significativos. O uso inadequado de medicamentos resulta em intoxicações, reações adversas e hospitalizações, elevando os custos de atendimento emergencial e tratamentos corretivos (SILVA et al., 2020). Dados do Ministério da Saúde (2023) indicam que aproximadamente 12% das internações hospitalares estão relacionadas a problemas decorrentes de interações medicamentosas ou uso inadequado de medicamentos. Um estudo no Distrito Federal estimou que os gastos com medicamentos atingiram cerca de R\$ 3 bilhões em 2023, refletindo o impacto financeiro significativo sobre o orçamento público e familiar (CORREIO BRAZILIENSE, 2023).

Populações vulneráveis, como idosos e pacientes com doenças crônicas, são particularmente suscetíveis aos efeitos adversos da automedicação. Dados da OMS (2023) indicam que cerca de 50% dos idosos utilizam cinco ou mais medicamentos simultaneamente, aumentando significativamente o risco de interações medicamentosas clinicamente relevantes (DOMINGUES et al., 2017). Essa polifarmácia compromete a adesão ao tratamento, dificultando o monitoramento farmacoterapêutico e favorecendo a ocorrência de eventos adversos.

No que tange à compreensão das bulas, estudos brasileiros indicam que a linguagem técnica utilizada nos rótulos e instruções dificulta a interpretação correta das informações por grande parte da população, o que eleva o risco de erros de administração e uso inadequado. A literatura enfatiza a



necessidade de investigar estratégias de comunicação mais eficazes, capazes de aumentar a compreensão e reduzir os riscos associados à automedicação (CANTARELI, 2021).

Do ponto de vista regulatório, a RDC nº 44/2009 estabelece critérios mínimos para boas práticas em farmácias e drogarias, com foco em segurança, qualidade e uso racional de medicamentos (BVSMS, 2009).

Entre as interações medicamento × medicamento mais comuns, destacam-se a combinação de anticoagulantes, como varfarina, com AINEs (ibuprofeno, diclofenaco), que aumenta significativamente o risco de hemorragias devido à ação simultânea sobre a coagulação. Outro exemplo importante é o uso concomitante de antidepressivos da classe dos ISRSs (como sertralina) com analgésicos opioides (tramadol), que pode desencadear síndrome serotoninérgica, caracterizada por agitação, tremores e alterações autonômicas. Além disso, anticonvulsivantes, como a carbamazepina, podem reduzir a eficácia dos anticoncepcionais orais pela indução enzimática hepática, e antifúngicos azóis, como o cetoconazol, podem aumentar a concentração plasmática de anticoagulantes, elevando o risco de sangramentos. Também é relevante a interação entre inibidores da bomba de prótons (omeprazol) e anticoagulantes, que pode alterar a ação terapêutica destes últimos (OLIVEIRA; SILVA; COSTA, 2018).

No que diz respeito às interações medicamento × alimento, destacam-se os antibióticos, como tetraciclina e ciprofloxacino, cuja absorção pode ser reduzida pela ingestão concomitante de laticínios (DANTAS et al., 2018). Além disso, antibióticos como a rifampicina podem diminuir a eficácia dos anticoncepcionais orais, pois induzem enzimas hepáticas que aceleram o metabolismo dos hormônios contraceptivos comprometendo sua ação (Aquino, 2021).

Entre as interações medicamento × bebida, o metronidazol associado ao álcool provoca reação tipo dissulfiram, caracterizada por náuseas, vômitos e taquicardia. Anticoagulantes, como a varfarina, podem ter seus efeitos aumentados pelo consumo de suco de cranberry, elevando o risco de sangramentos (COSTA, 2024). O lítio apresenta excreção urinária aumentada na presença de cafeína, reduzindo sua eficácia terapêutica e aumentando o risco de instabilidade do tratamento (DRUGS.COM, 2025).

As interações envolvendo medicamentos e suplementos ou fitoterápicos também merecem atenção. O ginkgo biloba, quando usado em conjunto com anticoagulantes, pode aumentar o risco de hemorragias (SOUZA; LIMA, 2021). A erva-de-são-joão, se combinada com antidepressivos, potencializa o risco de síndrome serotoninérgica. Além disso, o alho, gengibre e ginseng podem intensificar o efeito anticoagulante, elevando novamente o risco de sangramentos (NICOLETTI, 2005).

Essas interações evidenciam a complexidade do uso de múltiplos medicamentos e produtos naturais sem orientação profissional. A automedicação indiscriminada aumenta a probabilidade de complicações clínicas e efeitos adversos, reforçando a importância de estudos que investiguem os padrões de uso inadequado de medicamentos e seus impactos sobre a saúde pública (MELO et al., 2021).



Em países com sistemas de saúde mais estruturados, como Canadá e Alemanha, a supervisão da venda de medicamentos e a disponibilidade de informações confiáveis resultam em menores índices de automedicação (OMS, 2023). No Brasil, desigualdades regionais, culturais e econômicas dificultam a redução desse comportamento, refletindo-se em altos índices de uso inadequado de medicamentos, resistência bacteriana e aumento de complicações clínicas associadas às interações medicamentosas (ARROYO et al., 2024).

3 CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou analisar os riscos da automedicação e das interações medicamentosas, destacando como essa prática, amplamente difundida, compromete a segurança e a eficácia dos tratamentos farmacológicos. Os objetivos foram alcançados ao evidenciar que o uso indiscriminado de medicamentos, associado à falta de orientação profissional, gera consequências graves para a saúde pública, incluindo o aumento da ocorrência de reações adversas e a dificuldade de controle terapêutico em pacientes polimedicados.

Diante do problema de pesquisa, constatou-se que a automedicação é sustentada por fatores culturais, sociais e econômicos, que favorecem o uso inadequado de fármacos. Observou-se que, apesar dos esforços existentes em campanhas educativas e ações de conscientização, a prática continua frequente, especialmente em grupos vulneráveis como idosos e portadores de doenças crônicas. Esse cenário reforça a necessidade de ampliar políticas públicas de orientação, fortalecer a atuação do profissional farmacêutico e investir em estratégias de educação em saúde mais acessíveis e contínuas.

Como limitações, destaca-se a dependência de estudos disponíveis em bases científicas, o que pode restringir a abrangência de determinados contextos regionais ou de populações específicas. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a relação entre automedicação e fatores sociais emergentes, como o uso indiscriminado de suplementos e fitoterápicos, além de avaliar o impacto de programas de atenção farmacêutica no cotidiano da população. Dessa forma, este trabalho contribui para ampliar a reflexão sobre a importância do uso racional de medicamentos e a necessidade de estratégias mais eficazes para a prevenção de riscos associados às interações medicamentosas.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. F.; SILVA, M. A. S.; COSTA, M. S. Interações medicamentosas: revisão crítica da literatura. *Revista Brasileira de Farmácia*, v. 56, n. 3, p. 123135, 2025.

AQUINO, Andrey Gonçalves de; RIOS, Davy Gonçalves; PASSOS, Marcos Paulo Santos. INTERAÇÃO ENTRE ANTICONCEPCIONAIS ORAIS COM ANTIBIÓTICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 7, n. 10, p. 3212-3227, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i10.3034. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3034>.

ARRAIS, F. et al. Automedicação e riscos de interações medicamentosas. *Revista Brasileira de Farmácia*, v. 52, n. 2, p. 45-58, 2016.

ARROYO, L. H. et al. Uso indiscriminado de medicamentos e automedicação no Brasil. *Universidade Federal da Paraíba*, 2024. Disponível em: <https://www.ufpb.br/cim/contents/noticias/uso-indiscriminado-de-medicamentos-e-automedicacao-no-brasil>

BALEN, Eloise et al. Interações medicamentosas potenciais entre medicamentos psicotrópicos dispensados. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 66, p. 172-177, 2017.

BVSMS – BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC nº 44, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br>.

CantareliB. B. P.; AndradeB. R. D.; SoaresW. D.; CruzA. F. P. da. Bulas de medicamentos: compreensão pelo usuário. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 5, p. e7314, 14 maio 2021.

CASTRO, D. S. O. de; LACERDA, N. O.; MARQUEZ, C. de O. Riscos na utilização de medicamentos pelos idosos polimedicados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 24, n. 8, p. e15118, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e15118.2024>.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasilienses gastam R\$ 3 bi com remédios e acendem alerta para automedicação. Correio Braziliense, 11 abr. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/04/5086277-brasilienses-gastam-rs-3-bi-com-remedios-e-acendem-alerta-para-automedicacao.html>.

COSTA, J. L. R. Interações alimentares e medicamentosas com varfarina. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 15219-15232, 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/71255/50080/175254>.

DANTAS, N. M. F.; PEREIRA, A. L. A.; CARVALHO, K. F. S. Principais interações fármaco-nutriente envolvendo alimentos e medicamentos. *Revista de Biotecnologia & Ciência*, v. 7, n. 1, p. 62-72, 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/biocieencia/article/view/7573/6891>.

DOMINGUES, M. A.; SOUZA, L. F.; PEREIRA, R. T. Interações medicamentosas com alimentos e bebidas: implicações clínicas e terapêuticas. *Jornal Brasileiro de Farmácia*, v. 33, n. 2, p. 45-58, 2024.

DRUGS.COM. Caffeine and Lithium Interactions. Disponível em: <https://www.drugs.com/drug-interactions/caffeine-with-lithium-450-0-1477-0.html>



ESHER, Angela; COUTINHO, Tiago. Uso racional de medicamentos, farmaceuticalização e usos do metilfenidato. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, p. 2571-2580, 2017.

NICOLETTI, M. A. Principais interações no uso de medicamentos fitoterápicos. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2005. Disponível em: <https://cff.org.br/sistemas/geral/revista/pdf/10/infa09.pdf>

MELO, Daniela Oliveira de; CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de. A contribuição do farmacêutico para a promoção do acesso e uso racional de medicamentos essenciais no SUS. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, p. 235-244, 2017.

PIMENTEL, M. R.; DE SOUZA, W. . M. AVALIAÇÃO DO USO DE MEDICAMENTOS EM ESTUDANTES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 . Cadernos ESP, Fortaleza-CE, Brasil, v. 18, n. 1, p. e2017, 2024. DOI: 10.54620/cadesp.v18i1.2017. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/2017>.

MENGUE, Sotero Serrate et al. Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos (PNAUM): métodos do inquérito domiciliar. *Revista de Saúde Pública*, v. 50, p. 4s, 2016.

OLIVEIRA, Sílvia B. V.; SILVA, José A. M.; COSTA, Maria F. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em uma unidade básica de saúde. *Einstein (São Paulo)*, v. 16, n. 3, p. 1-7, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/LJfXBXtzy8tFpK4LG4RLbwG/?format=pdf>.

PINTO, F. C. M. et al. Possíveis interações fármaco-nutrientes em crianças e idosos hospitalizados. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, p. e9839109263, 2020. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i10.9263>.

ROCHA, A. M. dos S. et al. O risco das interações medicamentosas como subsídio para a prescrição e o uso racional de medicamentos. *Revista Eletrônica Acervo Médico*, v. 23, n. 4, p. e12076, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25248/reamed.e12076.2023>.

RODRIGUES, Maria Cristina Soares; OLIVEIRA, Cesar de. Interações medicamentosas e reações adversas a medicamentos em polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 24, p. e2800, 2016.

SOUZA, A. C.; LIMA, M. F. Estudo da relação entre eventos hemorrágicos e o uso de Ginkgo biloba. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v. 34, n. 2, p. 123-130, 2021. Disponível em: <https://revistaft.com.br/estudo-da-relacao-entre-eventos-hemorragicos-e-o-uso-de-ginkgo-biloba/>

SOTERIO, Karine Azeredo; DOS SANTOS, Marlise Araújo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. *Revista da Graduação*, v. 9, n. 2, 2016.